



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE ARTES – IdA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN

MARINA DORNELAS RESENDE SILVA

CONHECENDO A ESCOLA PARQUE 313/314 SUL EM TEMPO DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso

Brasília

Maio de 2021

MARINA DORNELAS RESENDE SILVA

CONHECENDO A ESCOLA PARQUE 313/314 SUL EM TEMPO DE PANDEMIA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado
no curso de Licenciatura em Artes Cênicas na
Universidade de Brasília.

Orientadora: Ângela Barcellos Café

Brasília

Maior de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre apoiou meus projetos e me deu forças durante toda minha trajetória na graduação em artes cênicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Darcy Dornelas de Farias e ao meu pai Juvenor Pereira da Silva Jr. por serem meu porto seguro, terem sempre incentivado minhas aventuras artísticas e por terem me deixado como herança o amor e admiração pela docência.

Também à minha irmã Giovanna, minha companheira de vida, que esteve ao meu lado em todos os passos para que chegasse ao fim desta graduação, que compartilha das memórias mais ricas do nosso tempo de Escola Parque e de brincadeiras de faz de conta. Agradecer também a meu irmão Rodrigo, minha cunhada e meus sobrinhos que me apoiaram e foram um refúgio lugar de afeto durante esse período.

Agradeço ao Mateus, meu noivo, por me incentivar e dar força ao longo desse período e por me acolher sempre com muito amor.

Agradeço a professora Aline Seabra, minha supervisora da Escola Parque por ter me recebido em suas aulas com tanta disponibilidade, afeto e carinho durante os dois semestres de estágio.

Muita gratidão à Dinna e Guilherme, meus amigos de curso, que trilharam o caminho da graduação comigo desde o primeiro dia, com quem tive inúmeras trocas e construções de ideias no campo artístico e pessoal, com muito amor.

Gostaria também de agradecer as professoras que participam da minha banca avaliadora, a professora Fabiana Marroni, que iniciou o processo de escrita desse trabalho junto comigo e me ensinou tanto sobre Escola Parque e sobre pesquisa. E a professora Soraia Maria, que gentilmente aceitou este convite e me proporcionou um grande crescimento como artista ao longo do curso de graduação.

Agradeço a todos as professoras e professores que fizeram parte da minha jornada, no ensino básico e no ensino superior. Sem meus mestres não seria quem sou hoje.

E por fim agradeço a Professora Ângela Café, que me orientou com tanta generosidade e afeto ao longo deste trabalho. Estimulando sempre meu pensamento crítico e apontando a direção para que eu pudesse concluir este trabalho.

Sumário

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
1. Introdução	6
1.1 Trajetória	6
1.2 Justificativa	7
1.3 Objetivos	8
1.4 Metodologia	9
2. A Escola Parque em Brasília	10
2.1 O Plano Educacional de Brasília	10
2.2 A Aluna	16
3. A Escola Parque 313/314 antes da Pandemia	18
3.1 A estrutura da escola	19
3.2 Experiência como estagiária em 2019	20
4. Ensino de Artes Remoto em tempos de isolamento social	24
4.1 Datas e fundamentação legal	24
4.2 Experiência como estagiária em 2020	27
4.3 Significados do ensino de teatro de forma remota no ensino fundamental anos iniciais	31
Considerações Finais	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
WEBGRAFIA	36
ANEXO	37

1. Introdução

1.1 Trajetória

Eu gosto de falar, gosto de ser ouvida, de estar no centro, de quando não sinto vergonha e faço o que quero fazer, quando sinto meu corpo livre. Gosto quando danço e dos momentos em que posso ser outra pessoa. Eu sempre me senti assim, desde muito pequena me colocava nessas situações, lutava contra qualquer pingote de vergonha e passei logo a ser reconhecida como a menina extrovertida. Fascinada por livros, filmes e novelas, que estimularam a minha imaginação e me levaram a inventar minhas próprias histórias, que eu precisava contar e contava com o corpo. Junto com a minha irmã, criava uma realidade nova, cheia de fantasias. Fazíamos diversas apresentações na sala de casa para os nossos pais e a sensação era de estar em grandes palcos, me sentia preenchida e realizada.

Eu sempre fui incentivada a fazer tudo isso, mas quando eu entrei na Escola Parque (EP) eu me senti verdadeiramente ouvida. Percebi que fazer o que eu gostava era tão importante que merecia um dia inteiro da nossa semana na escola e que quando a gente voltava pra Escola Classe aquilo que tínhamos feito no nosso dia fora, importava também. Foram muitas as situações em que eu pude colocar a minha maneira expressiva e física de me comunicar em ação. A arte se tornou um recurso, para falar sobre meus conhecimentos de outras áreas, mais tarde se tornaria profissão. Eu me senti muito ouvida e muito importante, no meu ensino fundamental I. Tinha autonomia e me percebia inteligente.

Quando estava na quarta série, equivalente ao quinto ano, me mudei de escola e fui para a rede particular. Ali, minha experiência escolar mudou muito, o referencial dos meus colegas era muito diferente do meu, crianças que nunca tinham tido um contato mais intenso com a arte educação, as aulas de artes se limitavam às artes plásticas. E eu, com apenas nove anos, consegui perceber que aqueles que estavam ao meu redor se relacionavam de uma maneira diferente com a escola e que uma das coisas que faltava na equação deles era a vivência de uma EP. Eu tinha as minhas referências, já tinha construído uma boa relação com o aprender, mas sentia falta daquela liberdade de antes e eu sabia que queria de volta

e desejava que meus colegas tivessem a oportunidade de viver essa experiência também. Nunca mais aconteceu para mim e para os meus colegas também não pude proporcionar.

Como filha de professores, eu sempre soube, apesar de ter relutado, que a docência era o meu caminho. E além de professora, minha mãe é também pesquisadora da História do Distrito Federal, o que despertou em mim desde cedo interesse por temas relacionados à nossa Capital e também o gosto pela pesquisa e afeição por conhecimento. Agora, como futura professora de artes cênicas, tenho a esperança de fazer o que fizeram por mim, pelos meus futuros alunos. Para que eles, por meio do contato com o teatro e o fazer artístico, também se sintam importantes, inteligentes e tenham uma relação tão íntima e prazerosa com os estudos, como eu tive. Foram esses motivos que fizeram surgir o interesse em mim de pesquisar o modelo das Escolas Parque e entendê-lo pela perspectiva de docente em suas histórias e propostas. Desta forma realizei os meus estágios obrigatórios na Escola Parque da 313/314 Sul e a partir dessas experiências em dois mil e dezenove e em dois mil e vinte, realizei uma comparação entre os dois momentos por meio de um relato de experiência, escrito após um período de observação participativa, segundo a perspectiva etnográfica de Marlí André (2012).

1.2 Justificativa

A Escola Parque, locus da presente pesquisa, é um modelo escolar idealizado por Anísio Teixeira na década de sessenta, para o Distrito Federal. As Escolas Parque se destinam exclusivamente a aulas de diversas linguagens artísticas e educação física, sendo assim um dos poucos ambientes onde se tem um amplo fazer educacional artístico. Para nós que estamos nos formando como arte educadores, observar a prática de outros professores, entender como é a vivência e quais os métodos mais eficazes no ensino do teatro para crianças, pode ser bastante enriquecedor. Se pudermos analisar os modelos que estão sendo colocados em prática, poderemos pensar melhor a nossa própria, como futuros professores. É relevante observar e entender como se dá o ensino do teatro nas Escolas Parque do DF, pois é uma ideia que se faz realidade, repleta de pontos interessantes, mas

que perdeu sua força ao longo dos anos e é negligenciada pelos gestores. Nosso lugar como artistas e educadores é preservar, valorizar e aprimorar ambientes com essas características.

Os alunos, ao meu ver são a parte mais importante da equação, quando pensamos no processo educacional. O foco tanto da escola, quanto da comunidade, proporciona uma educação de qualidade e enriquecedora. O projeto das Escolas Parque abre espaço para a valorização de outras áreas de conhecimentos e saberes. Amplia a possibilidade de aprendizagem no geral. Dar espaço para que no sistema educacional, se explore habilidades lógicas e artísticas e motoras, é positivo para sociedade. Indivíduos que sabem se relacionar melhor com o grupo e que consigam estabelecer conexões diferenciadas e criativas, alavancam as potencialidades da sociedade como um todo, por isso é importante que continuemos dando importância e visibilidade para o ensino de arte. E ao pensar o ensino do Teatro estamos também perpetuando-o. Assim ensinaremos melhor aqueles que já tem acesso e poderemos levá-lo àqueles que nunca tiveram nenhum contato com o teatro.

A ideia de Anísio Teixeira é revolucionária até os dias de hoje e muitas pessoas relatam, inclusive eu, como ter estudado em uma Escola Parque mudou suas vidas. Um dos principais fatores que influenciou na adoção desse modelo no sistema educacional logo no início da Capital, foi para que se gerasse um interesse maior pelas artes e que fosse criada uma base para uma cidade culturalmente ativa, formando artistas e acolhendo a comunidade, proporcionando vivências além da vida cotidiana. Porém o que tem acontecido, infelizmente, ao longo os anos, é que cada vez menos que crianças são beneficiadas. Atualmente no Distrito Federal, das 266 Escolas Classes, somente 17 têm convênios com Escolas Parque¹. Por isso vejo a necessidade de continuar pensando e falando a respeito delas e dessa forma criar estratégias para aprimoramento e compreensão do projeto das Escolas Parques.

1.3 Objetivos

¹ Dados retirados do site da Secretaria de Educação do Distrito Federal, referenciado na webgrafia.

Essa pesquisa tem como objetivo geral entender o projeto e as contribuições da escola parque no DF, em suas diversas realidades ao longo de suas histórias, em minhas experiências.

E como objetivos específicos os seguintes: conhecer a Escola Parque por dentro e o que ela é hoje, considerando seu projeto inicial; contribuir com o ensino de artes cênicas na rede pública; ampliar o entendimento sobre a escola parque; revelar o projeto inicial da Escola Parque e algumas de suas transformações; participar na luta pela manutenção e ampliação das Escolas Parque no DF; contribuir para o ensino de artes cênicas no DF.

1.4 Metodologia

Para atingir os objetivos estabelecidos nessa pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica a partir de um relato de experiência, decorrente da minha observação participante, seguindo a perspectiva etnográfica de Marlí André (2012), durante minhas duas experiências de estágio na Escola Parque 313/314 sul. Contei com meus relatos e diários de bordo, dos meus estágios que aconteceram antes e durante a pandemia², respectivamente 2019 e 2020. Analisei o Projeto Pedagógico da escola e também dos decretos e regulamentações a respeito do ensino remoto publicados tanto pela SEEDF, quanto pela própria coordenação da EP 33/314 Sul. Realizei por último uma entrevista com a professora supervisora. Desta forma foi possível fazer um balanço dos sucessos e dificuldades das alternativas e soluções adotadas e como esse tipo de ensino pode ser positivo para os alunos

Além disso, para conhecer e entender o modelo da Escola Parque utilizei uma abordagem teórica e histórica, onde coletei dados e relatos a respeito da mudança da capital. Mais especificamente a respeito do desenvolvimento do Plano Educacional de Brasília e as ideias de Anísio Teixeira, que foi o seu idealizador e criador do conceito da Escola Parque. Buscarei, também, dados institucionais juntamente a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), a respeito do histórico das Escolas

²A pandemia em questão é a decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, causada em decorrência das infecções por o novo coronavírus (Covid-19).

Parque ao longo dos anos, mais especificamente da EP 313/314 sul e como esse modelo de escolas estão inseridas no contexto educacional do DF.

Assim, consegui observar e compreender quais foram os processos de adaptação da Escola para dar continuidade as aulas no modelo de ensino remoto, durante o período de isolamento social devido ao coronavírus em 2020.

2. A Escola Parque em Brasília

2.1 O Plano Educacional de Brasília

Com a construção de Brasília e a transferência da Capital Federal para o Planalto Central, nasce em todos os envolvidos um desejo profundo de renovação e passa a existir a ideia de construir uma cidade modelo. A intenção era fazer da nova capital uma cidade moderna, revolucionária e pioneira e diferente dos grandes centros da época, em todos os aspectos, inclusive com um plano educacional inovador que serviria de inspiração para mudança em todo o país.

Brasília teria de ser uma cidade totalmente diferente. [...] A cidade teria de se apresentar revolucionária não só sob o ponto de vista urbanístico e arquitetônico, mas também em todos os seus sistemas: agrícola, educacional, médico-hospitalar, administrativo e social (SILVA, 2006. p. 16).

Ernesto Silva foi Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital federal. Em seguida, Diretor da NOVACAP e também Conselheiro da Fundação Educacional e da Fundação Hospitalar do DF, fundadas após a inauguração da cidade em 1960. Coube a ele o planejamento educacional da Nova Capital, então ele convida Anísio Teixeira, que lhe foi apresentado por sua esposa e que àquele momento presidia o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), para desenvolver o Plano Educacional de Brasília.

Anísio Teixeira, foi um grande educador brasileiro. Defensor das ideias escolanovistas³, tendo como seu maior mentor intelectual, John Dewey. Traz para o Brasil, depois de experiências na Europa e um mestrado nos Estados Unidos, ideias de renovação para o sistema educacional brasileiro. Pautado em conceitos democráticos, ele entende que a mudança social ocorre por meio da educação básica e por isso o acesso a ela precisaria ser ampliado e somente assim seria possível atingir progressos como sociedade. Ele conhece nos EUA alguns modelos educacionais, que visam a educação integral do aluno, associando a educação tradicional com educação artística e tecnicista. Esse tipo de escola o encanta e então ele decide implementá-los no Brasil. Sendo um dos pontos diferenciais desses modelos, os espaços físicos, que eram específicos para cada tipo de saber e promoviam maior valorização e possibilidades aos conteúdos não tradicionais, que para Anísio eram fundamentais para uma formação completa do indivíduo. Ele faz tentativas de implementação de suas ideias na Bahia, seu estado natal e no Rio de Janeiro, onde foi secretário da educação, tendo alguns sucessos e outros fracassos.

A maior dificuldade encontrada por Anísio Teixeira é que para a implementação de suas ideias e modelos era necessário que acontecesse uma reforma não só pedagógica dos sistemas educacionais, como também físicas, com a construção de novos espaços e novas escolas inteiras, com salas adequadas para o ensino das mais diversas atividades que ele propunha. Fazer isso em cidades que já tinham uma rede escolar em funcionamento era um desafio e tanto, custava caro e tinha muitos empecilhos, como por exemplo a falta de terreno para a construção desses espaços específicos. Como por exemplo a experiência em Salvador, onde foi a primeira vez que Teixeira apresenta o conceito da Escola Parque. Ele apresenta um plano que constavam entre sete ou dez complexos escolares, mas apenas um desses chega a ser construído, que é o centro Carneiro Ribeiro, que está localizado no bairro da liberdade, uma região de baixa renda da capital baiana. (XAVIER, 2017)

³ Escola Nova, ou ativa, é um movimento educacional da linha liberal renovada progressista, iniciada na Europa e nos Estados Unidos. Chega ao Brasil em 1920 e perde forças nos primeiros anos da década de sessenta, com o início da ditadura militar no país. Tem como ideia principal o aluno no centro do processo de aprendizagem. Os alunos devem desenvolver a autonomia e adquirir a habilidade de aprender, sendo o processo de aprendizagem e a busca pelo conhecimento mais importante que o conhecimento em si, “aprender a aprender” e “aprender fazendo” são pontos sempre presentes nesse tipo de método. Tendo como principais representantes desse pensamento Dewey, Montessori, Cousinet e outros. (LIBÂNEO, 1992, p. 25-26)

Mas afinal de contas o que é a Escola Parque? O conceito que Anísio Teixeira desenvolveu é de uma escola que se preocupa com a educação integral do estudante. Na Escola Parque os alunos realizariam atividades artísticas, desportos, oficinas de artes industriais e atividades recreativas, enquanto na Escola Classe – EC, os alunos se ocupariam de atividades tradicionais de ensino. No Plano original de Teixeira, desenvolvido inicialmente para a cidade de Salvador- BA. Uma escola Parque faria parte de um complexo formado por mais quatro escolas Classe. Alternando entre elas o aluno passaria o dia na escola, tendo um intervalo para o almoço, dessa forma o aluno que passou a manhã na escola classe iria para a escola parque e vice e versa. Não necessariamente os alunos fariam parte dos mesmos grupos estudantis nas duas escolas, tendo em vista que na Escola Parque poderiam estar distribuídos de acordo com suas aptidões e não necessariamente por suas idades. Na EP os grupos eram menores, cerca de 20 alunos por grupo e nas EC era previsto que fossem de 40.

Para Anísio Teixeira, a Escola Parque era um contraponto a antiga escola convencional. Ali o aluno teria a oportunidade de se sentir um membro ativo da sociedade. Viveria experiências das mais diversas, podendo explorar uma quantidade imensa de papeis e explorar suas aptidões artísticas, manuais, atléticas. Vivenciariam a autonomia e aprenderia a desenvolver seus projetos coletivos e individuais. Dessa forma adquiririam hábitos e recursos criativos, que lhes serviria de ferramenta no futuro, tornando-se assim indivíduos completos, profissionais competentes e seres humanos diversos. Isto tudo estaria associado ao complexo físico da escola, que proporcionaria ambientes específicos para saberes específicos. Daria visibilidade e valor a esse tipo de saber e fazer que são tão importantes para a sociedade e para o indivíduo, mas que ao longo da história da educação foram negligenciados. Além de toda essa estrutura era importante construir uma logística em torno desse modelo, que exige muita movimentação dos estudantes entre as escolas e no interior delas. “O plano de funcionamento, de horários e de movimentação das crianças, então elaborado, mostrava a perfeita exequibilidade do programa e dava ensejo a que se pudesse apreciar os benefícios educativos da estrutura prevista” (Teixeira, 1967, p. 246).

O que Anísio sonhou e planejou para Salvador não atingiu a escala almejada. Porém, em Brasília o contexto era completamente diferente, a cidade estava sendo construída do

zero, existiam muito mais possibilidades e a cidade carregava consigo o sonho de uma nova capital que traria ares de mudança para todo o país. O plano elaborado, então, por Anísio Teixeira, contou com a parceria presente de Lúcio Costa e o apoio de Ernesto Silva, que conjuntamente foram adaptando o projeto urbanístico e o plano educacional e o projeto urbanístico de Brasília para que ela comportasse as ideias inovadoras de Anísio para a educação.

O plano educacional nasceu do esforço conjugado de Lúcio Costa, Anísio Teixeira, Paulo de Almeida Campos e nós. Anísio Teixeira indicou-nos a filosofia do plano; Paulo Campos assessorou-nos permanentemente; Lúcio Costa transplantou-o ao terreno; nós os implantamos, vencendo as resistências à sua concretização e fazendo construir as primeiras e mais importantes obras escolares (SILVA, 2006. p. 238).

Aqui pontuo que até a década de 1970 o ensino das artes não estava formalmente incluído no currículo escolar brasileiro e a partir da Lei de Diretrizes e Bases – LDB de 1971 (Lei 5.692/71) foi incluído como uma “atividade educativa”. Somente na LDB de 1996 (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) foi entendido como componente curricular e somente em 2016 com a Lei de Nº 13.278/2016, as quatro linguagens artísticas (Teatro Dança, artes visuais e música) passaram a ser obrigatórias em todos os níveis da educação básica. Desta forma, a proposta educacional que foi feita para Brasília na década de 1960, abrangendo o ensino das artes em suas diversas linguagens era arrojado e moderno.

O Plano Educacional de Brasília para a educação primária ficou, então, assim esquematizado:

I - Educação primária a ser oferecida em Centros de Educação Elementar, compreendendo:

1. "Jardins de infância" - destinados à educação de crianças nas idades de 4, 5 e 6 anos;
2. "Escolas-classe" - para a educação intelectual sistemática de menores nas idades de 7 a 14 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares;
3. "Escolas-parque" - destinadas a completar a tarefa das "escolas-classe", mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança e sua iniciação no trabalho, mediante uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área e assim constituída:

- a) biblioteca infantil e museu;
- b) pavilhão para atividades de artes industriais;
- c) um conjunto para atividades de recreação;
- d) um conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
- e) dependências para refeitório e administração;
- f) pequenos conjuntos residenciais para menores de 7 a 14 anos, sem família, sujeitos às mesmas atividades educativas que os alunos externos.”

Neste plano conseguimos entender que a EP faz parte de um conjunto, que ela não existe sozinha e a recíproca deveria ser verdadeira para o resto dessa rede de ensino pensada por ele. Cada uma dessas estruturas, pensadas especificamente para valorizar e potencializar cada tipo de saber é uma engrenagem no sistema. O espaço milimetricamente pensado para potencializar o fazer artístico, também é um espaço que proporciona diversas interações sociais além da sala de aula, permite que a comunidade escolar viva experiências de fruição da arte e que os alunos desenvolvam habilidades de estar no palco e também de ser plateia. Então, Anísio Teixeira especifica em seguida não só a intenção de cada espaço, mas também as características físicas e capacidades de ocupação de cada um dos centros de educação elementar propostos.

“Como a nova capital é construída em quadras, e cada quadra abrigará população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, foi calculada a população escolarizável para os níveis elementar e médio, ficando estabelecido o seguinte:

1. Para cada quadra:

- a) 1 jardim da infância, com 4 salas, para, em 2 turnos de funcionamento, atender a 160 crianças (8 turmas de 20 crianças);
- b) 1 escola-classe, com 8 salas, para, em 2 turnos, atender a 480 meninos (16 turmas de 30 alunos).

2. Para cada grupo de 4 quadras:

- a) 1 "escola-parque" - destinada a atender, em 2 turnos, a cerca de 2 mil alunos de "4 escolas-classe", em atividades de iniciação ao trabalho (para meninos de 7 a 14 anos) nas pequenas "oficinas de artes industriais" (tecelagem, tapeçaria,

encadernação, cerâmica, cartonagem, costura, bordado e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física).

Os alunos freqüentarão diàriamente a "escola-parque" e a "escola-classe", em turnos diferentes, passando 4 horas nas classes de educação intelectual e outras quatro horas nas atividades da "escola-parque", com intervalo para almoço.” (TEIXEIRA, 1961)

Esse Plano não se restringia ao Centro de Brasília, fazia parte dos objetivos que ele contemplasse e distribuísse da mesma maneira as escolas nas regiões administrativas do DF⁴, garantindo que os alunos percorressem o menor caminho possível para chegar às escolas. Tinha o intuito de democratizar e promover integração social, de forma que alunos de diversas classes sociais estivessem juntos na mesma sala de aula. Os ideais modernistas, estavam presentes, tendo como propostas fundamentais, promover um ensino integral, que daria ao aluno ferramenta para a vida futura, aspirações e habilidades úteis para vida adulta. Compreenderia um currículo atual, que faria uso de recursos audiovisuais, trataria de assuntos de saúde coletiva e integraria os conteúdos de sala de aula com o contexto comunitário. (SILVA, 2006)

Conforme a cidade foi sendo concluída, as escolas foram ficando prontas. Mas não foram apenas flores. Enfrentaram, claro, resistência, o plano era ousado, inovador e desafiava a velha prática educacional que já estava institucionalizada. Para além disso, era um projeto caro, elaborado, que despendia bastante espaço, mão de obra e dinheiro da nova capital. Para a construção da primeira Escola Parque, a da 308, Ernesto Silva relata que foi necessário usar uma técnica de convencimento, onde iam aos poucos revelando a magnitude do projeto, para que assim Bernardo Sayão, Presidente da NOVACAP, na época, liberasse a verba necessária. (SILVA, 2006). Quando acontece a inauguração da capital ocorre a criação da Fundação Educacional, que tira da mão desse grupo idealizador o poder das

⁴ Como é vedada pela constituição federal a sua divisão em municípios, o território do Distrito Federal organiza-se em 33 regiões administrativas. (Lassance, 2002) Estas são núcleos urbanos dentro do DF que circundam o Plano Piloto e não possuem autonomia política. Tem o objetivo de serem cidades dormitórios, geralmente não possuem indústria e contam com serviços básicos e comércio.

decisões sobre a educação na capital. Nem todas as escolas estão prontas. Os novos gestores não se empenham mais da mesma forma em colocar em prática o projeto inovador, existem diversos apelos do grupo formador, que nesse tempo atuavam como conselheiros, para que o projeto da construção das escolas e o projeto pedagógico tivesse continuidade e recebesse o empenho de todos, mas não foi como aconteceu.

Com o passar dos anos e o crescimento da cidade, das 28 escolas parque previstas para o Plano Piloto apenas cinco foram construídas, e após os cinquenta anos da capital mais duas foram construídas em Cidades Satélites. Estas unidades escolares são ilhas dentro do sistema educacional e atendem hoje em dia apenas 17 Escolas Classes das 299 que existem ao todo no DF. Vemos então que infelizmente, apesar de ter índices elevados em relação ao resto do país, Brasília não conseguiu romper completamente com a velha maneira de fazer educação. Como diz o próprio Anísio Teixeira em seu texto em 1967, a respeito da Escola Parque da Bahia, é que ainda mais difícil que implementar um plano de mudanças radicais seria mantê-lo.

2.2 A Aluna

Fui aluna da rede pública do DF do Jardim de infância até a terceira série do Ensino Fundamental, atual quarto ano. Só frequentei a escola parque a partir da primeira série, sendo assim fui aluna da EP nos anos de 2005, 2006 e 2007. Adiciono aqui, que esta foi uma decisão política de meus pais, que eram naquele momento professores do quadro da SEEDF e minha mãe, mais especificamente, conhecia mais de perto os projetos da educação primária e tinha o desejo de nos dar a oportunidade de vivenciar essa escola tão rica, cheia de recursos e professores capacitados e também valorizar a escola pública. Portanto, estes são valores que me acompanham desde a minha infância.

Minha escola estatutária era a Escola Classe da 305 sul e portanto a Escola Parque que frequentei era a mais próxima, a unidade da 308 sul, a primeira construída. Estudava no turno da manhã e um dia na semana, às quartas feiras, não íamos a escola classe e sim passávamos a manhã toda na escola parque. Lá eu frequentava aulas de Educação Física,

Teatro, Música e Artes Visuais. Durante os anos que estudei na escola Parque, ela já não funcionava mais em sistema integral, e passou assim ser a partir do momento que o público da escola ultrapassou 1000 alunos, logo nos anos seguintes da inauguração da capital (Xavier 2017). Dessa forma, uma quantidade maior de escolas classes era atendida, pois os alunos iam até lá somente uma vez por semana. O acesso era mais democratizado, mas o plano original era desvirtuado. O modelo de escola de tempo integral é retomado em 2017, causando descontentamento a comunidade escolar, pois um dos problemas número de escolas classes conveniadas diminui drasticamente. (Xavier, 2017). Além disso, a implementação aconteceu de forma abrupta, sem consultas às famílias e ao corpo docente. Não existiu um processo de adaptação para os alunos e para os professores, que tiveram que alterar a maneira que planejavam e colocavam em ação os seus planos de ensino.

A maior parte das lembranças são vagas, principalmente dos dois primeiros anos. Mas me lembro vivamente do meu primeiro dia. Não tínhamos entendido exatamente como funcionava o sistema e minha mãe me levou primeiro à escola classe, chegando lá não tinha ninguém e então a porteira da escola nos avisou que as quartas deveríamos ir direto para a 308 sul. Fiquei confusa, mas ao chegar na escola e ver aquela estrutura enorme e linda e entender que seria um dia todinho só de aulas divertidas fiquei extasiada! A partir daquele momento as quartas feiras passaram a ser o meu dia favorito e mais aguardado da semana.

Éramos divididos em grupos, nossas turmas originarias eram divididas em duas e então ficavam quatro grupo de cada ano, do A ao D, aqui diferente do que propôs Anísio Teixeira (1961), nossos grupos só eram divididos na metade, mas continuávamos com colegas da mesma idade que eram uma parte da nossa turma na outra escola. E eram também quatro horários, todas as quartas feiras passávamos por todas as modalidades artísticas e Educação Física. Na Terceira série o esquema mudou um pouco, no início do ano escolhemos uma oficina de Artes Visuais e uma de Música e então fizemos uma em um semestre e a outra no seguinte, aqui sim divididos por interesses individuais, mas ainda em grupos da mesma faixa etária. Neste ano escolhi a oficina e papel machê e a de flauta doce respectivamente.

As aulas Teatro foram as mais especiais para mim e foi ali que me senti boa em algo. Trabalhávamos muito com improvisação e contação de história e encontrei naquele espaço uma maneira de me expressar de uma maneira muito autêntica e divertida, queria ir

para a aula de teatro todos os dias e sempre que podia inseria algum tipo de teatrinho nas minhas outras atividades, inclusive as escolares.

Nas aulas de música além da flauta tive aulas de iniciação musical e de percussão. A oficina de papel machê, foi uma experiência enriquecedora e foi o momento mais marcante das aulas de artes visuais, evolui muito em relação a habilidades manuais e guardo até hoje as peças que fiz naquela época. No geral tenho a sensação que me tornei mais aberta e receptiva a fruição artística. As aulas de Educação Física eram outro momento de deleite, principalmente nos dias de aula de natação, que eram tão aguardadas.

Na escola parque, era necessário ser mais responsável. Não tínhamos uma professora regente e trocávamos de sala várias vezes ao dia, então a responsabilidade de nos cuidar era de nós mesmos. Era necessário estar bastante atenta aos meus pertences e também ser ágil nas trocas e não me atrasar ou me confundir de sala.

Hoje vejo como ter sido aluna nesse formato de escola, foi um presente. Me deu ferramentas para a vida e me fez crescer em diversos aspectos, principalmente acadêmicos e artísticos. Em 1970 foi realizada uma pesquisa pela então Fundação Educacional do DF (FEDF), com alunos 111 egressos da Escola Parque e foi constatado que a maioria deles tinha bom rendimento escolar, eram alunos responsáveis, que cultivavam bons relacionamentos, tinham grande capacidade criativa e facilidade de expressão, demonstravam autonomia e 93% continuaram demonstrando interesse em atividades artísticas em geral. (Duarte, 2011) Acredito que se essa pesquisa fosse refeita hoje, teríamos resultados semelhantes, sou testemunha do sucesso da Escola Parque e identifico claramente seus impactos positivos na minha vida e de parentes e colegas que também passaram por lá. Vejo também o poder transformador que ela tem na vida dos que passaram por mim, agora como meus alunos durante minhas experiências de estágio na EP 313/314 Sul.

3. A Escola Parque 313/314 antes da Pandemia

3.1 A estrutura da escola

A partir de agora vou iniciar a etapa deste trabalho onde tive como base para minha pesquisa etnográfica a observação participante (ANDRÈ, 2012, p. 28) durante a minha vivência como estagiária na Escola Parque 313/314 sul nos anos de 2019 e 2020. Por meio desta observação foram levantados pontos de reflexão a respeito dos modelos de ensino adotados antes e durante a pandemia da Covid-19 e como ocorreu esse processo de adaptação.

A Escola Parque 313/314 foi inaugurada em 1977, sendo assim, juntamente com a EP 303/304 Norte a segunda e a terceira escolas parques a serem inauguradas no DF. As duas foram projetadas por Raul Frederico José Spinza Molinas e Ewandro Magalhães Freitas e têm as plantas idênticas. A escola conta com 26 salas de aula, bem equipadas para os seus propósitos, uma biblioteca, laboratório de informática, uma sala de apoio pedagógico, um auditório, um teatro de arena, três quadras de esporte, duas piscinas e um parquinho. A estrutura é adaptada para receber seus alunos portadores de necessidades especiais, que são muitos, pois se trata de uma escola inclusiva.

Hoje em dia a Escola Parque da 313/314 sul está inserida no sistema de escola integral. Em 2019 foram atendidas três Escolas Classe, sendo elas: EC 410 sul e EC 114 Sul pela manhã e no período da tarde a EC 08 do Cruzeiro. Atendendo aproximadamente 660 crianças neste ano. Já em 2020 as escolas atendidas pelo programa passaram a ser: EC 410 sul, EC 114 sul, EC 206 Sul e EC 05 do Cruzeiro, dando um total de 708 alunos vinculados a escola. Os alunos frequentam a Escola Parque no contra turno de segunda a sexta-feira. Lá eles têm aulas de Teatro, Música, Artes Visuais e Educação Física. Até o início da pandemia eram também ofertadas algumas oficinas, como por exemplo: balé, jazz e informática. Os alunos que tinham interesse se inscreviam de acordo com a disponibilidade de vagas e são dispensados das outras aulas nos horários das oficinas.

A divisão dos alunos acontece em grupos, são 20 grupos em toda a escola, estes são divididos em quartetos. Cada professor participa de um quarteto pedagógico composto por diferentes linguagens e dentro dele fica atribuído da função de conselheiro de um destes grupos. Os conselheiros são os professores que eram responsáveis diariamente por cada grupo, organizavam a fila durante a chegada, a saída, no intervalo e também os acompanhavam durante os eventos da escola, além disso, era na sala do professor conselheiro que o grupo ficava durante o período de almoço e descanso.

3.2 Experiência como estagiária em 2019

Meu período de observação presencial na Escola Parque 313/314 sul aconteceu no período entre agosto de 2019 a dezembro do mesmo ano. Tinha a Escola Parque como uma lembrança boa, sabia que ela fazia parte da minha trajetória artística, mas até meados do curso de artes cênicas nunca a havia relacionado com uma possível pesquisa ou projeto profissional. Até que escrevi uma narrativa para uma disciplina do curso, onde discorri sobre o momento que a arte educação atravessou o meu caminho e então foi aí que percebi como o tema Escola Parque era valioso na minha história e poderia ser mais explorado e aprofundado. Realizar o estágio de observação na EP 313/314 foi meu primeiro passo em direção de reestabelecer esse contato, e por outro lado me aproximar do exercício profissional percebendo o interior da organização escolar e seus projetos.

Enquanto estagiava como observadora na EP, acompanhei uma professora de teatro, Aline Seabra⁵. Passava meia manhã das quartas-feiras com ela, chegava no final do recreio às 10:20 e ficava até após o almoço 13:00, quando as crianças iam para a escola classe de origem. Neste período acompanhava dois grupos, um de quinto ano, o qual observava as aulas de teatro e um de primeiro ano, o qual a minha professora supervisora, era conselheira, então ficávamos com eles durante o almoço, o descanso e os conduzíamos até o ônibus oferecido pela secretaria de educação para o transporte dos alunos da rede.

A Escola Parque que observei como estagiária era muito diferente da EP que vivenciei como aluna, a começar pelo fato de que agora ela opera em um sistema de escola de tempo integral, o que foi uma novidade para mim. Apesar de essa ser a ideia original do plano de Anísio Teixeira, não foi uma realidade que me agradou tanto. A princípio o primeiro ponto negativo que me chamou atenção foi o fato de o número de alunos a serem atendidos pela EP ter diminuído drasticamente

⁵ Uso aqui o nome da professora supervisora com autorização da mesma, em anexo.

Aline possui graduação em Educação artística: artes cênicas, pela Universidade de Brasília (UNB, 2007). Mestra em Artes (Prof-artes) pela mesma instituição desde 2016. Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar (UNB, 2019). Professora da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal desde 2008 (professora temporária) e a partir de 2009 com vínculo efetivo, atuando como docente na área de artes cênicas e de sala de recursos (Ensino Especial). Atualmente é professora de teatro da Escola Parque 313/314 Sul. Já atuou como docente da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (2017), ministrando a disciplina Metodologia para o Ensino Especial e Inclusivo. Atua como tutora à distância do curso de Teatro pela Universidade Aberta do Brasil (UAB/UNB). Participa de um grupo de pesquisa de linguagem e produção teatral chamado Teatro do Concreto, desde 2003. Tem experiência na área de teatro, dança e no ensino especial, atuando, principalmente, com processo colaborativo, temática na qual possui publicações (Dados retirados do site Escavador, referenciado na webgrafia)

em relação ao modelo adotado anteriormente, onde os alunos iam apenas um dia para escola porque e isso permitia que mais escolas classes fossem conveniadas, ao meu ver no sistema que estamos inseridos o ensino de artes não é valorizado e dar a oportunidade para um número maior de alunos vivenciar o fazer artístico vale mais do que um experiência de contato intenso para poucos.

Um segundo ponto que me gerou diversas reflexões, para as quais não tenho as respostas até hoje, foi ver como as crianças reagem de formas diferentes a esse número de horas elevadas na escola e os efeitos disso nelas, mesmo sabendo que esse formato é interessante e vantajoso para as famílias. Percebi crianças muito carentes de afeto e atenção. As queixas de saudades de casa e dos pais eram constantes, alguns deixavam de almoçar alegando que desejavam a comida de suas casas. Essas situações ocorriam nos dois grupos que eu acompanhava, sendo um deles composto pelos alunos mais novos e o outro pelos mais velhos, então é possível dizer que esse sentimento permeava todas as idades dentro da escola. A carga diária deles era de onze horas, levando em consideração que a maior parte dos alunos da escola moram nas cidades satélites do entorno, podemos acrescentar cerca de mais uma hora e meia a duas horas de deslocamento. Uma rotina puxada e que resulta em poucas horas de convívio familiar.

Esse modelo de escola de tempo integral é interessante para as famílias, pois permite que os pais trabalhem e fiquem tranquilos sabendo que seus filhos estão em um local seguro, recebendo alimentação e estudando. Mas será esse o melhor modelo para a formação das crianças? Passar tanto tempo sobre a tutela de professores, que não foram preparados para isso, não lhes tira algumas das referências familiares? Será que pode gerar algum complexo de abandono, principalmente nos mais novos? Além da possibilidade de afetar o rendimento escolar, pois reclamam constantemente que sentem falta de suas mães e que estão cansados de ficar tanto tempo na escola. Não tenho respostas para essas perguntas, mas certamente essa foi uma das minhas maiores inquietações ao longo do processo. Entendo a necessidade, baseada numa realidade de pais que trabalham, mas não vejo como sendo o modelo mais saudável para as crianças.

Vale ressaltar aqui um ponto. Quando falamos de escola de tempo integral, não falamos de escola integral. A primeira diz respeito a carga horária e modelos de gestão educacional e políticas públicas. A segunda é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões, sendo elas: intelectual, física, emocional, social e cultural. No plano original de Anísio Teixeira ambas são contempladas, a ideia

é ter uma escola de tempo integral, combinando os turnos entre as escolas Classe e Parque, de forma que a combinação das experiências nestes dois espaços garanta uma educação completa, integral. O plano educacional de Brasília não foi colocado em prática a risca, as escolas encontraram inúmeras dificuldades ao longo dos anos para que esta integração pudesse existir, uma delas sendo o fato que não escolas parques o suficiente para atender todos os estudantes do DF. Outro ponto é que a escola de tempo integral que se pratica hoje em dia nas Escolas Parques tem uma carga horária maior mesmo e já não oferece todas as oficinas que estavam no plano, como as atividades industriais que garantiram o domínio de algum ofício ao finalizar a educação básica, que para Teixeira era uma peça fundamental para a formação dos indivíduos. Apesar de tudo isso existe a intenção e o esforço daqueles que se importam com o projeto para proporcionar a educação integral. Vivenciar o ensino das artes de maneira mais intensa que a maioria das crianças de sua idade, na EP dá a eles a oportunidade de pensar e viver situações que vão além do que é cotidiano.

Assim, como toda escola que está inserida num sistema educacional cheio de problemas, a disciplina costuma ser uma dificuldade, lá não é diferente, estes são reflexos da sociedade em que vivemos, que não valoriza a educação. Neste momento em que enfrentamos a pandemia do coronavírus, vemos como a falta de disciplina e de senso de coletividade pode afetar toda uma nação. As crianças entram em conflito umas com as outras, desafiam os professores, ficam agitadas e provocam uma falta de atenção generalizada em algumas aulas. A coordenação e os professores nem sempre conseguem contornar essa situação. E muitas vezes acabam adotando uma estratégia de reforço negativo, com punições, como por exemplo a perda do recreio. Mesmo existindo essa dificuldade, no geral os professores buscam sim ser mais empáticos com seus alunos, existe um esforço, ainda em andamento, para mudar a dinâmica de relacionamento entre os alunos e o corpo docente e coordenação da escola. Se trabalha para compreender e acolher as individualidades de cada aluno, sejam estas fruto da própria personalidade deles ou reflexo do contexto social em que estão inseridos. Pude testemunhar uma situação que deixou tudo isso bastante evidente.

O grupo de quinto ano que acompanhei era um grupo bastante desafiador. A professora Aline dizia que eles eram sua turma mais desafiadora daquele ano. Um grupo de aproximadamente vinte crianças, de alunos entre dez e onze anos. Este grupo pequeno, assim como a maioria das turmas da EP 313/314, era inclusivo, tendo dois alunos com deficiências visuais e uma aluna com hidrocefalia. Além de alguns alunos com dificuldades de aprendizagem. Logo que eu cheguei na

escola como estagiária, a professora estava iniciando com o grupo um processo de montagem. O primeiro contato com eles foi no momento em que eles estavam sendo introduzidos ao texto e a metodologia adotada para isso foi uma leitura dramática. Me chamou atenção como eles tinham habilidades de leitura muito variadas, enquanto alguns conseguiam colocar intenção no texto e até interpretar, outros não conseguiam identificar pontuações e tropeçavam em diversas palavras. A maioria deles não conseguiu captar a mensagem mais profunda do texto, a Comunidade do Arco-íris de Caio Fernando Abreu.

O processo que se seguiu com a montagem foi extremamente penoso. A postura, de desinteresse da turma, estava tornando a montagem um projeto quase impossível. A indisciplina e as distrações tomavam conta das aulas e cada vez mais todos os envolvidos ficavam mais estressados e insatisfeitos com o processo. E foi a partir dessa situação eu tive uma das lições mais valiosas do meu estágio. Foi uma demonstração de humildade, maturidade e sabedoria em relação a seu próprio fazer educacional por parte da professora e também do compromisso com a formação dos seus alunos da maneira que fosse melhor para eles e não de acordo com os desejos dela. Como disse Paulo Freire “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE. 2021, p. 25)

Após tentar diversas abordagens diferentes e ter conversas abertas com a turma, dando oportunidade para que eles expressassem seus desejos e descontentamento e se colocando completamente vulnerável ao dizer para eles que também analisaria os pontos nos quais ela poderia melhorar, ela chegou à conclusão que para aquele grupo, montar uma peça, não era um desejo e não seria possível virar realidade. E então o trabalho foi reestruturado, para aquele grupo uma experimentação não ligada a um texto funcionou muito melhor, o uso do corpo e de jogos teatrais os levou a construção de uma narrativa, dessa vez os alunos que eram os mais dispersos, desinteressados e agitados, mudaram completamente de postura, se mostrando interessados e motivados, chegando ao ponto de eles próprios, que antes causavam o maior tumulto chamar atenção dos colegas que estavam distraídos ou atrapalhando o andamento da aula.

Como essa foi a minha primeira experiência em sala de aula, as situações vividas me causaram bastante impacto e reflexões que tem me acompanhado desde então. Em alguns momentos o meu desejo de seguir no caminho da docência foi questionado. Fiquei bastante impressionada em como algumas crianças, tão novas, já tem que enfrentar situações tão difíceis e

como pode ser complicado para a escola receber esse aluno e acolhe-lo. Ficou claro que é uma escolha desafiadora, o impacto que o ambiente escolar tem na vida de seus alunos é muito grande e como professores é importante ter consciência disso e estar sempre em busca de novos caminhos para que essa relação possa ser mais enriquecedora e modificadora da realidade dos alunos que estão vulneráveis. O ideal de alunos muito bem comportados, atentos e concentrados caiu por terra para mim, vejo hoje como é importante ter crianças vivas, ativas, que gostam de brincar. Vejo que eu preciso pensar muito ainda de como tratar a disciplina em sala de aula, como despertar o interesse nos alunos, para que os trabalhos possam ser feitos e que sejam prazerosos.

Presenciar o dia a dia de uma escola que respira arte me deu inspiração para continuar trilhando esse caminho. Ter tido a oportunidade de ver surgir em cada um daqueles alunos um brilho no olhar, o despertar para arte e a descoberta de qual daquelas experiências artísticas mais os tocava, alguns eram tocados pelo teatro e eu conseguia me ver nestes, já outros tinham se identificado com a música e foi lindo testemunhar esses encontros, o contentamento que os preenchia de ter seus trabalhos de artes visuais expostos na escola e até mesmo fora dela. O ambiente preparado e inteiramente dedicado ao ensino das artes os permite fazer, assistir e discutir arte, criar, apreciar e contextualizar, fluir, fruir e debater (BARBOSA, 2010). Como professores exercer esse papel de apresentar e intermediar a relação que se inicia, entre a criança e a arte é muito significativo. Cria-se um vínculo entre alunos e professores de confiança, respeito e troca. Na EP a equipe docente procura realizar um trabalho em rede, multidisciplinar entre todas as linguagens, o trabalho deles se fortalece, pois os professores apoiam os projetos um dos outros e conseguem construir juntos. Para os alunos se estabelecem relações mais claras entre as artes e a educação física e isso os da recursos artísticos de associação de linguagens.

4. Ensino de Artes Remoto em tempos de isolamento social

4.1 Datas e fundamentação legal

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”

Paulo Freire

No início do ano de 2020 o mundo foi surpreendido por uma pandemia de escala global que exigiu o isolamento social como medida de prevenção. As infecções por o novo coronavírus se espalharam rapidamente, causando graves sintomas respiratórios, muitas mortes e consequentemente caos nos sistemas de saúde de quase todos os países, que evoluíram para crises em vários outros setores no mundo inteiro. O primeiro caso registrado no Brasil aconteceu o dia 26/02/2020 na cidade de São Paulo, uma semana e quatro dias depois foi em (7/03/2020) registrado o primeiro caso no DF⁶. Assim começaram a ser decretadas quarentenas, sabendo que o isolamento social e a higiene constante das mãos eram os melhores métodos para combater a difusão do vírus naquele momento.

O primeiro decreto (Nº 40.509) de suspensão atividades em instituições de ensino, assinado pelo governador do distrito federal Ibanês Rocha, foi assinado em 11 de março de 2020. A princípio era uma suspensão de cinco dias. No dia 16/3/20 decidido por antecipar as férias escolares de quinze dias do meio do ano (Decreto Nº40.520). Com a compreensão da seriedade da doença e o agravamento das condições do sistema de saúde no dia 1º de abril foi decretada a suspensão das aulas até o dia trinta e um de maio do mesmo ano (Decreto Nº40.583). Neste primeiro momento, a situação era muito nova e desconhecida, a população geral não sabia o que esperar e acreditávamos que em breve a situação iria se normalizar. Ao passar do tempo foi ficando evidente que a situação era muito mais séria do que podíamos compreender e cada um destes adiamentos geravam angústia e sensação de desamparo na comunidade escolar. A má gestão da crise e a indisciplina da população, levou a saúde do Brasil e do DF patamares críticos.

Assim em maio entendeu-se que o retorno das aulas presenciais em 1/6/2020 não seria e viável e iniciou-se um plano de implementação do ensino remoto (decreto Nº 40.817) que poderá posteriormente vir a ser híbrido, com atividades presenciais e a distância, sendo que até o momento

⁶ Dados retirados do portal G1 e do site Sanar Med, referenciados na webgrafia.

em que escrevo ainda não foi implementado, pois a situação da pandemia continua piorando a cada dia, mesmo um ano após o seu início. Foi decretado também que as escolas estavam desobrigadas a cumprir os duzentos dias letivos previstos na LDB.

A SEEDF estabeleceu um plano de volta as aulas na modalidade remota, com início em 13/7/20 e fim em 29/01/21, tendo assim 150 dias letivos. Para a execução desse plano, foram acionadas as plataformas Google Classroom e também a plataforma moodle, além disso houve uma tentativa inicial de aulas televisionadas, que acabou não prosseguindo. Por meio dessas plataformas, os professores passaram a ministrar atividades síncronas, ou seja, que professores e alunos estão on-line ao mesmo tempo e assíncronas, as quais não exigem essa presença simultânea e cada aluno tem liberdade para fazer as atividades no momento que lhes for conveniente, visando a participação dos alunos e de suas famílias, tendo como objetivo dar continuidade aos planos de ensino que foram interrompidos e também criar uma ponte entre a escola e os alunos e suas famílias de maneira que existisse um suporte a eles durante a pandemia.

O Google, uma das maiores empresas de internet do mundo, criou um sistema de ferramentas complementares que possibilita a educação a distância e o ensino remoto, sendo a principal delas o Google Classroom, existente nas versões gratuita e paga. Nesta plataforma é possível criar salas de aula virtuais com alunos e professores. O docente pode disponibilizar materiais de texto e vídeo, abrir bate papos para dúvidas e discussões de conteúdo, aplicar avaliações e dar notas. Estas avaliações ou tarefas podem ser realizadas no formato de Google Forms, outra ferramenta, que permite que se crie questionários com variados tipos de opções de respostas, podendo ser de múltipla escolha ou abertas. Outro recurso são as chamadas de vídeo Google Meets, que podem ser realizadas em grupos de até 100 pessoas, estas reuniões contam com um chat ao vivo e também podem ser gravadas e disponibilizadas no espaço de sala de aula virtual. Existem ainda uma série de outras ferramentas no sistema Google, mas estas são as mais relevantes e mais utilizadas pela rede pública de ensino do Distrito Federal durante o período de aulas remotas.

Aqui deixo claro que reconheço e admiro o esforço de cada um dos professores que passaram por esse processo de adaptação e tiveram que descobrir muito rápido como utilizar cada um desses recursos e estudar como transformar suas aulas, mas este processo não será abordado em detalhes.

4.2 Experiência como estagiária em 2020

Quando as aulas foram retomadas de maneira remota na Universidade de Brasília, em agosto, me matriculei na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Cênicas II, este de docência. Devido as circunstâncias, todo o processo teve que acontecer de maneira Remota. Porém enfrentei uma série de dificuldades burocráticas. O desconhecimento da situação por parte de todos, fez que o processo de regulamentação do estágio remoto fosse longo e estressante, tendo muitas idas e vindas por parte da secretaria de educação e foram necessárias longas esperas para que cada etapa fosse concluída. Assim, após uma espera de quase dois meses finalmente foi-me designado um e-mail institucional sob o domínio da secretaria de educação e estava apta a iniciar o estágio.

Nós, alunos da UnB, fomos instruídos por nossas professoras a buscar supervisores que já conhecíamos e que estivessem dispostos a nos receber, podendo inclusive terem sido nossos supervisores anteriormente, pois a pandemia e os desafios educacionais acarretados por ela, fizeram com que várias escolas e professores se recusassem a receber estagiários. Desta forma procurei a professora Aline, que já havia me supervisionado durante o estágio de observação e com quem desenvolvi uma relação de carinho e admiração. Ela me recebeu prontamente e me colocou a par de como as atividades estavam sendo conduzidas na EP.

A Escola Parque 313/314 sul adotou a plataforma do Google Classroom. Foi criada uma sala virtual para cada grupo, nelas foram adicionados os estudantes e os quatro professores responsáveis por aquele grupo, um de cada modalidade. Cada disciplina ocupava um dia da semana, sendo as sextas feiras destinadas as aulas de promoção a saúde, ministrada pelo professor conselheiro de cada turma. As atividades da disciplina do dia eram postadas no mural da turma no início da manhã e o professor ficava disponível durante toda a manhã para auxiliar os alunos e tirarem dúvidas, mas os estudantes podiam entrar a qualquer momento da semana e realizar a tarefa. Em 2020 os Meets⁷ não eram obrigatórios, cada professor tinha a autonomia de decidir se fariam ou não, mas ficou acordado que eles não passariam de trinta minutos, para não expor as crianças por muito tempo as telas e também por existir uma dificuldade dos alunos de conexão à rede de

⁷ Nomo Vulgar utilizado para se referir à ferramenta de reuniões de vídeo Google Meets.

internet, portanto, mesmo as reuniões sendo gravadas, este não poderia ser o formato principal das aulas.

...há uma recomendação do Conselho de Educação do DF de que seja respeitado um limite de tempo máximo de permanência em frente à tela de um computador, de acordo com a faixa etária e etapa de ensino, a saber: Educação Infantil – 1 hora diária; Ensino Fundamental (anos iniciais) – 2 horas diárias; Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio – 3 horas diárias. Devem ser adotadas outras atividades diversificadas para o cumprimento das horas previstas... (SEEDF, 2020)⁸

A presença das crianças tomou formas totalmente novas. A dificuldade de acesso que a maioria delas enfrentou, fez com que a dinâmica de sala de aula que conhecíamos, deixasse de existir. A maior parte do processo se deu de forma assíncrona. A estrutura da escola, preparada para o ensino do teatro e das demais artes, que era a característica principal da Escola Parque, o seu maior diferencial, não pôde mais ser ocupado. Como uma escola que tem como o ambiente físico como uma de suas características principais, consegue se adaptar a um espaço virtual? A participação dos estudantes ficou muito reduzida, no presencial a média de alunos por turma eram de 20 alunos, na plataforma participaram em média dez por turma, a metade e quando eram realizadas reuniões síncronas a participação caía ainda mais, para cinco ou até dois alunos. Alguns dependiam dos aparelhos celulares dos pais, que só chegavam do trabalho a noite e era nesse momento que eles podiam checar os deveres do dia, outras famílias tinham apenas um aparelho para mais de uma criança, outro não tinham conexão e alguns ainda dificuldades técnicas para acessar os recursos digitais. Nestes casos onde era inviável para as famílias acessar a plataforma digital, a escola oferecia um material impresso, que tinha de ser retirado e devolvido presencialmente pelos pais.

Para a elaboração das atividades que seriam entregues para os alunos, foi deliberado entre os professores que eles seriam pareados e cada dupla ficaria responsável por elaborar as atividades de uma série, independentemente se teriam algum grupo daquela faixa etária. Portanto para todos os grupos de um determinado ano seria atribuída a mesma atividade por semana. Anteriormente as atividades da EP no segmento de Teatro eram quase que exclusivamente práticas. Qualquer conceito que fosse trabalhado era desenvolvido por meio de atividades sensoriais, corporais, de

⁸ Documento em formato de apresentação de Slides, produzida pela SEE-DF e disponibilizada às escolas da rede. Não está publicamente disponível, tive acesso por meio pasta de arquivos que a coordenação da EP 313/314 sul compartilhou comigo em decorrência da minha pesquisa.

criatividade e coletividade, em algumas ocasiões vinha acompanhada de uma breve exposição e então algum tipo de compartilhamento da experiência e do entendimento entre as crianças. Para adaptar o ensino do teatro no ensino remoto foi necessário recorrer muito mais a apresentação de conceitos e teorias. Era comum que nas tarefas, as professoras pedissem que os alunos interagissem com alguém de sua casa, em outras que produzissem algum vídeo ou até construíssem algum objeto, mas muitos deles não completavam todas as etapas e somente respondiam as partes escritas, víamos que os que postavam as atividades completas eram aqueles que os responsáveis estavam próximos, participando ativamente e garantindo que o aluno entregaria tudo o que era exigido.

Seguindo o plano de conteúdos do ano, traçado pela escola com base no Currículo em Movimento do Distrito Federal e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a equipe de teatro adaptou atividades de expressão vocal e corporal, de compreensão de estruturas textuais (início, meio fim), construção de personagens, construção de narrativas e roteiros, improvisações teatrais, manifestações culturais do Brasil e do mundo e espaços cênicos diversos, adequando os temas a capacidade de compreensão de cada um dos quatro etapas do ensino fundamental anos iniciais (Currículo em movimento do Distrito Federal, 2018, p. 75-76) . Os formulários no modelo Google Forms eram estruturados com uma introdução breve do assunto daquela aula, seguido de algum recurso audiovisual, como um vídeo, fotos e figuras ou até mesmo visitas virtuais a museus e salas de espetáculos, infelizmente àqueles alunos que buscavam o material impresso essa experiência era inviabilizada. A sequência da atividade que levaria a algum resultado prático, simulava um diálogo, perguntava experiências pessoais ou guiava a construção de um texto ou de personagem ou objeto cênico. Por último era aberto um espaço para que os alunos e sua família postassem o resultado da atividade.

Buscava-se incluir ao máximo a família nas atividades, tanto para que existisse um suporte técnico, quanto para viabilizar atividades de grupo e experiências de coletividade que são tão importantes para o teatro e essa participação foi um dos maiores desafios. Como relata a professora Aline na entrevista realizada por mim

“No caso do teatro, a parte que envolve o corpo e que envolve trabalho de grupo foram as partes mais difíceis de adaptar. Porque os jogos teatrais por exemplo, os jogos dramáticos, muitas vezes o menino não tem ninguém em casa, é ele avó sozinho, e aí você adaptar um jogo teatral que você estava esperando 6 ou 8 pessoas pra fazerem um jogo e aí ter que adaptar para duas ou até o menino tem que fazer sozinho, então foi difícil. O trabalho de grupo teve que ser repensado!” (SEABRA, 2020, Apêndice 1)

Esse segundo estágio teve características opostas ao primeiro. Enquanto no presencial me senti acolhida pelos alunos, recebia muito afeto e demonstrações de carinho, tanto por aqueles estudantes que eram da turma que acompanhava, quanto de vários outros que encontrava e conhecia pelos corredores ou em atividades coletivas da escola. No estágio remoto, quase todas as minhas horas foram cumpridas sozinha ou em contato apenas com a professora supervisora enquanto elaborávamos as atividades escritas. Elas tinham dois formatos, o que era postado na plataforma do Google Classroom, que permitia o uso de mais mídias e interatividade e a versão que seria impressa e disponibilizada para aqueles que não têm acesso a rede de internet, deste segundo modelo, disponibilizo como apêndice uma atividade elaborada por mim. Algumas horas foram passadas em função de ler as atividades feitas e ver os vídeos produzidos pelas crianças e dar algum tipo de retorno para elas e para as famílias, que participavam ativamente da produção destes materiais.

A conexão e o afeto com os alunos tiveram que acontecer de outras maneiras. No contexto novo, adentramos as casas das crianças e elas, as nossas, as famílias e todo o ambiente que as rodeiam vieram para perto. Era comum, quando fazíamos os Meets, que eles quisessem mostrar os irmãos, os animais de estimação e até mesmo a decoração da casa. Para mim essa foi a tradução de toda a proximidade que tínhamos com os estudantes, vê-los nos espaços de intimidade, interagindo com seus entes queridos. Um porém, é que a escola também era o espaço onde se podia identificar que algum aluno estava passando por alguma situação delicada em casa e oferecer recursos para que as questões fossem resolvidas e a criança fosse amparada, mas o máximo que é possível no remoto é perceber se um aluno não está participando e tentar entrar em contato para resgatar incluir essa criança e garantir que ela tenha acesso, vemos que alguns tem mais suporte dos familiares que outros, mas não é possível identificar nenhuma questão mais profunda.

Também na entrevista que fiz com a professora Aline ela relata que não só ela, mas também o resto da equipe docente, sentiram muito o peso desse trabalho individual, sem o contato uma com as outras e também com os pequenos “A adaptação pedagógica, do pensar pedagógico, de sair do presencial e ir para o on-line, foi uma coisa muito pessoal. Do professor ter que se virar mesmo.” (SEABRA, 2020, apêndice 1) Então elas apostaram bastante em projetos interdisciplinares, Meets com mais grupos reunidos e atividades que contemplassem a música, o teatro e as artes visuais. A estratégia foi de unir os grupos, para conseguir um número maior de alunos e conseguir produzir

materiais de vídeo que pudessem documentar o trabalho que estava sendo feito, na tentativa de criar algo parecido com uma apresentação, para que todo processo tivesse um resultado, para os alunos, para as famílias e também para o corpo docente.

Além da participação dos alunos, encontrar uma maneira de criar uma experiência parecida com as festas e apresentações da escola, tem sido a parte mais desafiadora. Para toda a comunidade escolar, esses eram momentos muito especiais, onde era possível apreciar e fruir toda arte e poesia que cada criança desenvolveu ao longo dos bimestres, era onde os pais que não entendiam o porquê, conseguiam ter a dimensão do que era a Escola Parque e davam valor. Acredito que a magnitude que os eventos presenciais têm não são possíveis de forma on-line, mas se durante o tempo que ainda tivermos que conviver com o ensino remoto for possível ampliar a participação dos alunos, projetos muito interessantes de audiovisual podem ser criados.

4.3 Significados do ensino de teatro de forma remota no ensino fundamental anos iniciais

Apesar de todas as dificuldades de acesso e claramente este não ser democratizado, aqueles alunos que puderam participar das aulas ao vivo tiveram uma vivência rica nos meets eles cantavam dançavam e mesmo com internet travando e com a falta de sincronia que resulta das conexões, ele se divertiam e era muito gostoso escutar as vozes das crianças e sentir a presença deles na sala de reunião. Um ponto Inusitado foi perceber que era possível atingir uma qualidade de atenção diferenciada e maior, principalmente com os alunos menores, o que não acontecia na sala de aula porque eles se distraíam entre si, então sozinhos em suas casas eles conseguiam respirar, ficar em silêncio e contemplar. Sem o contato direto não existiu uma distração entre os colegas, essa diferença pode ser positiva em alguns momentos e em outras inviabilizam as atividades.

Estes alunos, são crianças que estão sendo privadas de uma parte importante do seu desenvolvimento, que é a socialização. Sozinhos em casa somente com a suas famílias falta oportunidade de conhecer o diferente, novas culturas, novas pessoas e de saber interagir com o que não é comum a si próprio e também com outras crianças da mesma idade. Com as aulas de teatro e das outras artes eles tiveram alguns momentos onde foi possível interagir de maneira extra cotidiana com seus colegas e professores e assim criar poesia com próprio corpo e com a própria voz. No momento em que eles gravavam os vídeos e realizam as atividades lhes foi dada a

oportunidade de imaginar, fazer de conta e assim projetar um pouco e criar a própria versão do que está sendo retirado deles, que é o contato com o mundo externo.

As crianças se alegram nas aulas de teatro, elas falam bastante, sobre assuntos da aula e também de fora dela. Nesse espaço elas têm voz, sendo remoto ou presencial. Durante uma pandemia mundial, onde o medo de adoecer é constante assim como a tristeza por tantas vidas perdidas, e existe sempre a incerteza, quando as coisas vão melhorar, voltar ao normal? Por isso esse espaço de voz ativa, onde as emoções podem fluir junto com a imaginação, proporciona um respiro e promove um equilíbrio interno em todos aqueles que se permitem vivenciar seus corpos artísticos, se tornam ainda mais valiosos.

Porém, estar longe da escola física faz com que os momentos de fruição artística diminuam. Sozinhos em casa, realizando as atividades online, as crianças deixam de ver os corpos de seus colegas e deixam de estar também como plateia. A BNCC prevê que o ensino da arte seja composto por seis dimensões do conhecimento (criação, expressão, crítica, reflexão, fruição e estesia) e diz que o ensino do teatro tem como objetivo a “experiência artística multissensorial de encontro com o outro em *performance*” (BNCC, 2017, sem paginação) e frisa que o processo de criação deve ser coletivos e colaborativos, ou seja, o ensino remoto não foi capaz até o momento em que observei de abranger tudo o que foi proposto em relação ao ensino do teatro. Durante a entrevista a professora Aline pontua isso como sendo um dos maiores desafios que foram enfrentados

eu acho que isso faz muita diferença no teatro, não só produzir, mas você ver o colega fazendo, observar o trabalho do colega e isso se perdeu, porque querendo ou não ele não tem acesso ao trabalho dos colegas, só eu tenho acesso ao trabalho dos alunos, eles não. [...] a gente também aprende elaborando o pensamento sobre o trabalho dos outros (SEABRA, 2021, apêndice 1)

Além disso a Escola Parque realizou semanalmente com todos os grupos aulas de promoção a saúde, onde os professores de artes traziam temas a respeito da pandemia, de segurança e protocolos e um espaço para que as crianças falassem especificamente como se sentiam em relação a pandemia. Os professores não comentaram perdas de pessoas amadas, para preservar as crianças, mas este foi um espaço de muito acolhimento e que acredito ser fundamental na escola em formato remoto devido a pandemia, mesmo não sendo um espaço artístico, ela é suporte prático e faz com que todo esse momento tenha um sentido, é por causa deste vírus letal que estamos afastados, mas que se nos cuidarmos poderemos em breve estar reunidos.

Considerações Finais

A Escola Parque 313/314 sul é muito importante na minha trajetória, ter observado as maneiras diferentes com que ela pode funcionar foi um processo enriquecedor. Entender que estudar arte e estudar teatro é relevante em qualquer momento. A linguagem do teatro é necessária e justifica-se por si só. O ensino de artes não é uma ferramenta que auxilia os outros saberes. Ao longo do curso e do processo de escrita desse trabalho, pude tomar mais consciência disto. Adquirir a habilidade de se expressar e se conectar consigo mesmo é relevante para qualquer pessoa. E portanto, o objetivo das aulas de artes é permitir que os alunos façam leituras mais amplas do mundo a partir das linguagens artísticas, não formar artistas.

E é por isso que manter crianças em contato com o fazer artístico e os dando possibilidades para explorar seus corpos e suas vozes, criando oportunidade para que improvisem, que dancem, que brinquem e vivenciem momentos de compartilhar arte com suas famílias tem sido valioso durante o período de isolamento social. um momento que exige de nós muita resiliência e força para lidar com todos os tipos de perda que acompanham a crise da covid. Somos corpos artísticos, que precisam estar em movimento, a arte e a cultura nos dão elementos para lidar com as dificuldades da vida e também com a beleza dela e assim expressar o que tem dentro de nós e permitir que estabeleçamos conexões com as pessoas e com o ambiente ao nosso redor. Por isso, o teatro e a arte em geral têm relevância em qualquer contexto e acredito que para os alunos que podem vivenciar a Escola Parque durante o isolamento social, têm muito ganhos.

A realidade de ensino remoto é temporária, mas ainda presente. De um ano para o outro, muito pode ser aprendido e reestruturado. Em 2020, no momento em que eu observei e participei de perto, tudo ainda estava em um caráter experimental e muito novo. Acredito que os professores e os alunos que participaram deram seu melhor, mas a adaptação não pode ser plena, pois muitos alunos ainda ficam marginalizados e a escola e em especial Escola Parque tem muito potencial para o sucesso quando chega a todos.

Qualquer tipo de adaptação e aperfeiçoamento do ensino remoto seja do ensino de teatro ou de qualquer outro componente curricular não são satisfatórias se não chegam a todos os alunos, se um deles não tem acesso à educação de qualidade a missão falhou. Falha esta que não é da

responsabilidade dos professores, que se esforçam e dão o melhor de si para realizar o seu trabalho, mas sim dos gestores, que não priorizam a educação, muito menos a educação artística no nosso país. Esta questão poderia ter sido amenizada com a arrecadação e distribuição de equipamentos, e também com parcerias que garantissem o acesso à rede de internet para esses estudantes, mas não existiu esse tipo de mobilização por parte do governo. Desta forma, o direito a educação foi negado a essas crianças e adolescentes. Espero que a cada ano que passe e a cada desafio enfrentado pela sociedade as artes possam ser mais valorizadas e que sua importância seja reconhecida.

Ao longo da construção deste trabalho os planos tiveram que mudar, as possibilidades de observação e pesquisa foram alteradas drasticamente. Apesar disso, acredito que as duas experiências de estágio e as reflexões que foram geradas a partir dessa escrita, me dão elementos para começar a trilhar a jornada da docência com confiança e com a certeza que é necessário sempre estar aberta para o desconhecido e disposta a me adaptar àquela realidade a que estou exposta, seja uma situação de sala de aula ou eventos que alterem o contexto escolar de forma mais ampla.

A Graduação em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, foi uma experiência que expandiu meu entendimento de arte e educação. Foi ao longo destes quatro anos e meio que conheci o conceito de arte educador e me identifiquei muito. Todas as experiências artísticas vividas no departamento de artes cênicas (CEN) me engrandeceram e me prepararam para seguir na minha jornada profissional. A experiência ampla que a Universidade de Brasília me proporcionou, não só no departamento ajudou a construir meu senso crítico e me motivou cada vez mais lutar pelos meus ideais e buscar o fortalecimento e valorização da educação, em especial o ensino do teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2012.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

DUARTE, Maria de Souza. **A educação pela arte: o caso Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

LASSANCE, Adalberto. **Brasília Capital do Brasil. Caracterização do território – organização político-administrativa, limites, localização e confrontações**. Editora Porfíro. IHG-DF, 2002. p. 125.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na Prática Escolas. In:____. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1992. Cap. 1, p. 19-44.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários prática educativa**. 67ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42.^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005,

SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. – 5ª ed. – Brasília, Charbel Gráfica e Editora, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. **A Escola Parque da Bahia**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.47, n.106, abr./jun. 1967. p.246-253

_____. **Plano de construções escolares de Brasília**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

XAVIER, Cleber Cardoso. **Escola Parque: apontamentos sobre Anísio Teixeira e o Ensino de Arte no Brasil**. Tese de Doutorado em Artes. Universidade de Brasília, 2017.

WEBGRAFIA

Site da Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Escolas e estudantes**. Disponível em: < <http://www.educacao.df.gov.br/escolas-e-estudantes/> > acessado em: 29/04/2021 às 19:35

Currículo em movimento – Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf > acessado em: 30/04/2021 às 16:00.

Portal de notícias G1. **Primeiro caso de Covid no DF: o que se falta saber?** Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/08/primeiro-caso-de-coronavirus-no-df-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>> acessado em: 09/05/2021 às 16:30.

Site Sanar Med. **Linha do tempo do Coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil> > acessado em: 09/05/2021 às 16:30.

Ministério da Educação. **Base nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> > acessado em: 10/05/2021 às 16:00.

Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em movimento do Distrito Federal**. 2018, 2^a Ed. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf > acessado em: 10/05/2021 às 16:00.

Escavador. **Currículo de Aline Seabra de Oliveira**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/2153312/aline-seabra-de-oliveira> > acessado em: 22/05/2021 às 17:00.

ANEXO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Aline Seabra de Oliveira, portadora do CPF 099155297-08 AUTORIZO Marina Dornelas Resende Silva, portadora do CPF 065944481-02, a citar meu NOME e a ENTREVISTA concedida por mim a mesma em sua pesquisa para o trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Artes pela Universidade de Brasília.

Aline Seabra de Oliveira

Brasília, 05 de maio de 2021

APÊNDICE 1

Entrevista realizada com a professora Aline Seabra no dia 8/04/2021, a respeito das adaptações das aulas de teatro e do funcionamento da escola parque 313/314 sul durante a pandemia da covid 19 no ano de 2020.

1- Qual foi a maior dificuldade?

“A maior dificuldade foi atingir os alunos. Porque essa parte de ter que aprender a lidar com tecnologia é desafiante, mas você estuda, a gente fez alguns cursos que a secretaria ofereceu e conseguimos produzir as atividades e postar na plataforma. A maior dificuldade para mim é chegar no aluno que não tem acesso a internet. Então de repente você a participação na sua aula cair vertiginosamente e isso assusta bastante! Se antes a gente tinha 20 alunos em sala de aula, a participação na plataforma é de 10, caiu pela metade do presencial, então para mim a maior dificuldade é chegar nos alunos, dada essa dificuldade de muitos alunos não terem acesso mesmo. Isso preocupa bastante!”

2- Como foram os cursos oferecido pela secretaria que foram mencionados?

“Esse curso que a secretaria deu pra gente foi mais de uso das tecnologias. Aprendemos a mexer com os recursos do google, aprendemos a usar o Meets, aprendemos a usar o google sala de aula... foi mais um curso técnico.”

“A adaptação pedagógica, do pensar pedagógico, de sair do presencial e ir para o on-line, foi uma coisa muito pessoal. Do professor ter que se virar mesmo.”

3- Como foi o processo de elaborar as atividades em duplas?

“Esse ano (2021) estamos fazendo o trabalho individual, porque ano passado foram feitos esses trabalhos em conjunto e alguns professores não ficaram satisfeitos, acharam que era ruim você aplicar na sua turma uma atividade produzida por outro professor, mesmo que ela tenha sido aprovada pela coordenação. Então alguns professores queriam ter um atendimento mais individualizado para sua turma, então esse ano cada professor está

produzindo as suas atividades para as suas turmas específicas, pensando bem especificamente em relação às turmas.”

4- Um ponto positivo?

“Eu acho que é um ganho muito grande pra gente aprender a utilizar novas tecnologias, não só pra gente, mas para os estudantes. Embora nem todos tenha acesso eu acho que a tendência é a gente herdar algumas coisas desse processo. Muitas coisas podem se tornar híbridas. E tecnologia é uma realidade no mundo contemporâneo e os meninos que tem acesso, eles já sabem mexer em muita coisa, são muito mais antenados que a gente mais antigo. Então acho que o ganho é a gente dialogar mais com as novas tecnologias e esse desafio de trabalhar arte, o teatro, o corpo a distância é muito difícil, mas amo mesmo tempo acho que faz a gente aprender novas formas de trabalhar.”

5- Foi possível continuar oferecendo um suporte aos alunos que poderiam estar em alguma situação de vulnerabilidade?

Eu acho que não perdeu completamente, porque a gente consegue perceber algumas coisas pela plataforma. Como por exemplo, se o aluno se o aluno está inscrito lá, recebe o convite e ele não acessa a gente já passa esses nomes pra pessoa que cuida dessa parte pra tentar resgatar esse aluno, então a gente já percebe que tem alguma coisa estranha ‘Bom, ele está na plataforma, mas não está acessando, o que que está acontecendo?’. A gente percebe por exemplo alunos que tem acompanhamento dos pais na plataforma. A gente consegue ver os que tem acompanhamento e os que não tem, que ficar mais sozinhos mesmo. Então algumas coisas a gente consegue perceber, mas a gente perdeu muitas coisas dessa que a gente tinha antes né?! Que a gente via por exemplo se um aluno tinha sofrido algum tipo de violência a gente conseguia perceber isso no presencial, a distância isso já fica mais camuflado. Então algumas coisas gente conseguiu manter e outras não. Eu acho que diminuiu sim esse acesso, mas algumas coisas a gente ainda consegue perceber como por exemplo quando a gente faz um Meets com a turma, a gente vê por exemplo com quem a criança mora, se o ambiente dela, da casa é um ambiente muito confuso ou não porque as vezes a gente está dando aula pro menino e tem gente passando atrás gritando, mais cinco crianças juntas. Assim querendo ou não a gente adentrou a casa das pessoas e eles a nossa.

Não sei até que ponto isso é bom, até que ponto é ruim, mas por exemplo a gente estava dando aula pra uma menina que a mãe dela trabalha como empregada doméstica e aí cada dia ela estava numa casa diferente, uma sala diferente, mas você vê que mesmo com essa dificuldade era uma mãe muito presente, ela nunca faltava. Era uma mãe muito dedicada, um exemplo ótimo, que apesar dos desafios ela nunca deixava de participar.

6- Como era o clima entre os professores na preparação pra voltar?

Foi um processo complicado! Eu percebia assim clima de bastante apreensão, até porque em virtude da doença cada dia chegava informação nova, então tudo muito novo pra todo mundo tanto para as famílias, quanto para os professores. Então foi um clima de muita apreensão sim, de muito trabalho, ao contrário de que muitas pessoas julgam, de achar que a gente pelo fato de estar a distância estava tranquilo para os professores, na verdade foi assim um trabalho exaustivo. Tanto de você tem que aprender muito rápido a mexer com essas tecnologias com o Google, quanto de você pensar pedagogicamente o que funciona, o que pode funcionar diante dessa nova realidade e ao mesmo tempo tendo que lidar com essa doença, que além de mexer com essa estrutura física da aula, mexe com emocional de todo mundo. Todo mundo muito abalado! Foi muito difícil, eu achei que foi extremamente difícil!

7- Vocês receberam algum suporte da secretaria de educação pra desenvolver as atividades pedagógicas?

Na verdade, assim, a secretaria deu algumas determinações de como seria o funcionamento das atividades a distância e cada escola teve autonomia para elaborar o seu projeto de ação. E aí as escolas apresentaram pra secretaria. Porque por exemplo o funcionamento da Escola Parque é diferente de funcionamento de outras escolas, então a Escola Parque preparou ‘a gente pensa em trabalhar dessa forma diante da nossa realidade’ e aí apresentou para a secretária, ela aprovou e aí a gente começou a trabalhar. Então acho que foi um trabalho de parceria, a secretaria ofereceu algumas coisas e outras coisas escola apresentou de acordo com a nossa realidade.

8- A participação na Escola Parque ficou sendo obrigatória?

Continua valendo aquela regra de que a faltas reprova. Só que, diante dessa situação atípica, nos conselhos de classe muitas vezes a gente acabou sendo um pouco diferente do ano passado, a gente trabalhou mais em parceria com a escola Classe. As aprovações a gente meio que foi definido em conjunto, porque as vezes o aluno participava muito na escola Classe e tinha uma participação pequena na Escola Parque, então diante dessa situação a gente não via porque reprovar ninguém, então assim não houve nenhuma reprovação. A gente leva muito em consideração a situação, porque além de tudo, têm muitos pais que as vezes só tem um celular, quatro filhos na escola e fazer as atividades pelo celular não é uma coisa fácil. Então todas essas variáveis a gente considerou. Então em geral, a gente optou para que os meninos passassem, até por entender essa situação. A gente fez algumas reuniões de Meets com as Escolas Classe, aulas coletivas e inclusive os conselhos de classe foram juntos. Existiu essa conversa, então se o menino está participando lá na escola Classe, diante dessa situação a gente não via como reprovar. A gente conversou bastante.

9- **E o contrário aconteceu tem um aluno que participava mais escola parque?**

Não que eu saiba. Na verdade, no presencial isso já acontece, porque assim a visão de alguns pais tem da Escola Parque, não são todos, é de que a escola é um plus é uma coisa a mais, mas não o principal. Para muitos pais ainda o principal é o que ele vê lá na Escola Classe. Isso é uma realidade já no presencial, então imagina a distância... mas não são todos os pais que pensam assim. Eu acho que já mudou muito, muitos pais principalmente depois que eles veem as apresentações eles falam: ‘nossa eu não sabia que o meu filho fazia isso tudo! Não sabia que a escola parque era tão legal.’. Isso é uma coisa até que eu quero colocar em relação ao ensino a distância, porque no presencial tinham as festas, nas festas os pais assistiam as apresentações das crianças e aí muitos eles que não valorizavam a Escola Parque e passavam a valorizar de ver os meninos se apresentando, porque ficavam realmente encantados e aí isso com a educação a distância perdeu um pouco, porque não tem como fazer essas apresentações, as vezes a gente fez algumas bem pontuais de vídeo, mas não tem mais aquela magnitude das festas. Então acho que que é um ponto negativo, a gente ainda não ter conseguido trazer essa apresentação para os pais no remoto, conseguir adaptar essa parte.

10- Qual foi a parte mais desafiadora da adaptação pedagógica? E se for possível adaptar bem?

No caso do teatro, a parte que envolve o corpo e que envolve trabalho de grupo foram as partes mais difíceis de adaptar. Porque os jogos teatrais por exemplo, os jogos dramáticos, muitas vezes o menino não tem ninguém em casa, é ele avó sozinho, e aí você adaptar um jogo teatral que você estava esperando 6 ou 8 pessoas pra fazerem um jogo e aí ter que adaptar para duas ou até o menino tem que fazer sozinho, então foi difícil. O trabalho de grupo teve que ser repensado! A gente sempre dava essa orientação 'brinque sempre com as pessoas que estão na sua casa, não é pra você brincar com pessoas de fora, fazer com atividade com pessoas de fora, só com quem está na sua casa'. Então foi difícil adaptar o jogo, já o trabalho de corpo é difícil porque a gente ver o estudante quando a gente faz reunião. Só aí a gente consegue observar se está entendendo trazendo aquilo pro corpo, mas quando você só passa atividade, muitas vezes eles mandavam vídeos pra gente fazendo as atividades, mas ainda assim não era mesma coisa. Então assim, essa parte do trabalho do grupo foi bem desafiante e teatro é muito grupo né, muito contato físico e isso se perdeu, se reconfigurou no caso. Acaba ficando mais teórico, as vezes a gente passa um trabalho ou outro que o menino tem que executar, não só com corpo, mas tem também que produzir manualmente fazer um boneco, um cenário, um figurino, mas ainda assim essa falta desse contato com os colegas, de apreciar o trabalho dos outros, eu acho que isso faz muita diferença no teatro, não só produzir, mas você ver o colega fazendo, observar o trabalho do colega e isso se perdeu, porque querendo ou não ele não tem acesso ao trabalho dos colegas, só eu tenho acesso ao trabalho dos alunos, eles não. Então essa é uma coisa ruim, porque a gente também aprende elaborando o pensamento sobre o trabalho dos outros.

11- Mudou muita coisa de 2020 para 2021?

Já com certeza aprendemos algumas coisas! Como por exemplo a gente já decidiu que esse ano vamos ter Meets obrigatórios, que não era obrigatório ano passado, pelo menos 1 mês. Porque a gente vê que faz diferença para os alunos, se verem e conversarem, mesmo que as vezes não seja sobre o conteúdo da aula de teatro seja sobre uma questão relacional mesmo, afetiva. Então vamos fazer sempre um Meets por mês, que a gente chama de Meet praça, que é o momento de convivência, que a gente até pode trazer algum conteúdo da disciplina,

mas que não é o objetivo principal, o objetivo principal de relacionar mesmo. Além desses, cada professor pode fazer Meets individuais com suas turmas se quiser. A questão do Meets é que tem menos alunos participando da plataforma do que no presencial e a participação no Meets é ainda tem menor, porque tem aluno que faz a atividade da plataforma, mas não entra no Meets, então o Meets é o acesso mais reduzido, mais ainda que as atividades da plataforma como um todo. Aí tem esse desafio, porque nem todos tem acesso a esse contato com os professores e com os colegas.

12- Como aconteceram as aulas de promoção a saúde?

Continuam sim. As aulas de promoção à saúde são sempre as sextas-feiras. Engraçado... eu tenho achado as aulas de promoção à saúde bem interessantes. No presencial também é muito interessante aquele momento o momento de descanso da educação pra comer, da educação para a convivência, da higiene, mas é interessante a gente pode trabalhar muitos temas que são importantes pra eles, principalmente nesse momento da doença trabalhar a Higienização, da questão da organização da rotina eu acho que a gente pode trabalhar com os temas que são realmente úteis pra eles.

13- A participação nessas aulas foi boa?

Sim! Até que participaram, a participação não é muito diferente das aulas de teatro não. Na verdade, assim, o que que acontece quando tem uma prova na escola classe no mesmo dia da aula, às vezes aquela que fica mais vazia, prejudicada, por que as pessoas dão prioridade pra Escola Classe, deixam pra fazer depois. Mas o fato de não ser obrigatório, ser assíncrona facilita porque por exemplo na hora da aula tem zero entregas de atividade, mas vem o final de semana e na semana seguinte eles postam, você vê que já dez entregaram. Até porque os pais também estão tendo que se adaptar e muitos trabalham, e estão com essa dificuldade mesmo, e faz parte desse processo então quando eles podem fazer essa atividade está bem feito, não tem problema, se você não conseguir fazer na hora, tem uma flexibilidade.

14- E vocês receberam algum retorno da família, se tem sido proveitoso pra eles?

Eu acho assim, que agora devido até a gravidade da doença eles estão um pouco mais conformados com a situação da educação a distância. No começo muitos queriam que a escola voltasse logo, até pela necessidade que eles têm de trabalhar, mas como a doença se agravou muito... Eu tive até um depoimento de uma mãe outro dia, que eu achei muito interessante, ela falou assim ‘o governador disse que vai voltar, mas mesmo se for voltar eu não vou mandar meu filho pra escola, porque eu não acho que é o momento de mandar’ então assim, é uma mãe consciente né?! Que vê que a vida está em primeiro lugar, que a gente quer voltar, mas que pra voltar precisa estar em segurança. Então eu acho que os pais já estão mais conformados.

15- E pra você quais são os pontos positivos a vantagem e necessidade de continuar ensinando a arte em sinal do teatro nesse momento de pandemia que é tão difícil que a gente está passando?

Eu acho que o teatro principalmente, trabalha muito a questão da expressão em todos os níveis, verbal, de pensamento, emocional e corporal. Então eu acho que é o momento que as pessoas precisam se expressar, até pra elas não adoecerem mentalmente. Então eu acho que o ensino do teatro ele proporciona isso, um exercício de expressão fundamental para o ser humano. Então eu acho que nesse momento mais do que nunca a gente precisa se expressar, colocar nossas ideias, debater nossas ideias de maneira crítica e também poetizar. Eu acho que o teatro, as artes no geral, são esse espaço poetizar. A vida já está tão dura, as coisas já estão tão difíceis, então eu acho que é esse o espaço de poetizar com nosso corpo, com as nossas palavras, com nossas ideias as nossas emoções... então acho que é isso.

APÊNDICE 2

	GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL COORDENAÇÃO REGIONAL DE ENSINO DO PLANO PILOTO ESCOLA PARQUE 313/314 SUL
<p>Aluno (a): _____</p> <p>Grupo nº: _____ Turno: _____</p> <p>Professor(a): _____</p>	

Ficha de aula de revisão com os conteúdos de teatro do quarto bimestre para o 5º ano, desenvolvida por mim, no modelo para impressão.

Olá, queridas alunas e queridos alunos. Como vocês estão?

Esta aula será um pouco diferente, iremos fazer uma revisão. Vamos lembrar um pouquinho de tudo que estudamos, experimentamos e aprendemos ao longo do ano. Você fez muitas atividades, fez jogos teatrais, criou personagens, aprendeu sobre a estrutura do texto teatral e também criou suas próprias histórias. Estudamos sobre o prédio do teatro e sobre outras formas teatrais e a maneira que a plateia se comporta em cada uma delas. Conhecemos também expressões teatrais da cultura brasileira, como por exemplo o uso de máscaras na cultura indígena. Vamos nessa revisar tudo isso?

- 1) Caminhe por alguns minutos pelo espaço onde você está. Enquanto caminha experimente andar em câmera lenta e depois em câmera mais lenta ainda, depois volte para a velocidade normal. Enquanto você caminha observe o ambiente ao seu redor e encontre nesse espaço que já é familiar, um cantinho onde você nunca costuma parar. Vá para esse cantinho e se sente lá. Pare um pouco e observe sua casa por esse novo ângulo e veja se consegue perceber alguma coisa que nunca tinha notado antes (Ex.: uma manchinha no chão, algum objeto torto ou a maneira como a luz bate nos objetos e cria sombras).
 - a) Você conseguiu andar em câmera lenta?
 - b) Como você se sentiu?
 - c) Qual o canto que você escolheu?
 - d) Percebeu alguma coisa que nunca tinha notado antes? O quê?

- 2) Vamos agora fazer um exercício de imaginação. Se preferir feche seus olhos e peça para alguém da sua casa ler as instruções para você. Pense em qualquer objeto. Pode ser algo comum, coisas que temos em casa, materiais escolares ou coisas que vemos na rua (Ex.: Garfo, vaso sanitário, caderno, ônibus e etc) escolheu?
- a) Agora imagine que esse objeto comum está vivo e que ele tem um rosto. Imagine olhos, boca e nariz.
 - b) Em seguida imagine que seu objeto usa algum adereço na “cabeça” (Ex.: chapéu, laço, coroa, óculos e etc.)
 - c) Seu objeto está usando roupa? Como ela é?
 - d) Por último dê uma marquinha especial para o seu objeto, pode ser uma pinta, uma cicatriz ou uma manchinha.
 - e) Agora que você já imaginou e deu vida a esse objeto faça um desenho da personagem que você imaginou.
- 3) Depois que você inventou essa personagem você vai criar a biografia dela! Assim como você imaginou as características físicas dela, essa história também vai ser você quem vai inventar, respondendo as seguintes perguntas:
- a) Invente um nome e a idade para o personagem que você escolheu e escreva aqui:
 - b) Esta personagem estuda ou trabalha? Se sim, com quê?
 - c) Com quem a personagem mora?
 - d) Como é a sua personalidade? Quais são as suas qualidades? E os seus defeitos?
 - e) Quais as coisas que ela gosta de fazer em seu tempo livre?
 - f) O que mais você gostaria de dizer sobre este personagem?
- 4)



<https://www.vivo.com.br/a-vivo/a-empresa/patrocinius/cultura/teatro-vivo/infraestrutura>

Estudamos sobre os espaços teatrais e a maneira que devemos nos comportar em cada um deles. Em especial, aprendemos sobre como admirar e respeitar o trabalho dos artistas e como nos comportar quando estamos em posição de plateia. Marque com um S (sim) o que podemos fazer na plateia e com um N (não) o que não podemos fazer.

- Comer aplaudir o espetáculo quando acabar fazer silêncio
- interagir com os atores se formos convidados atender o celular
- conversar alto filmar e fotografar se emocionar

- 5) A estrutura do teatro tem várias divisões e cada uma dessas partes têm uma função específica. Com o auxílio da imagem ligue os nomes dos espaços que estão na primeira coluna às suas funções na segunda coluna.

Entrada	Onde os atores se arrumam, colocam seus figurinos e fazem a maquiagem.
Bilheteria	Onde o público se senta e assiste o espetáculo.
Plateia	Onde os ingressos são vendidos
Palco	Local ao lado do palco, onde os atores ou cenário que não estão em cena esperam o momento de entrar. A equipe técnica também fica ali.
Coxia	A parte do teatro onde o público espera até poder entrar na sala de espetáculo. As vezes a bilheteria fica dentro desse espaço e também podemos encontrar uma lanchonete e lojinhas de conveniências.
Camarin	O lugar em que os artistas ficam visíveis para a o público e se apresentam.

6) Agora vamos ler uma fábula. Vocês já conhecem esse gênero textual, certo? Uma Fábula é um texto narrativo, que conta uma história cujo objetivo é nos deixar uma mensagem moral, ou seja, um ensinamento.

Quando lemos um texto, percebemos que ele tem uma estrutura, o começo, o meio e o fim.

- no **início** das histórias, são apresentados os personagens e a situação;
- no **meio** das histórias, o texto se desenvolve mostrando os personagens interagindo uns com os outros em torno de uma determinada situação;
- no **fim** das histórias, tem um desfecho (ou seja, uma solução final) que resolve a situação de uma maneira que leva os leitores a refletir sobre um ensinamento ou uma moral.

Isso é a estrutura do texto!

Vocês vão perceber que o nosso texto não está na ordem correta. Leia os fragmentos e os coloque na ordem correta, escrevendo o número que está no início de cada um nos parênteses que correspondem a qual parte da estrutura textual aquele fragmento representa.

() Início

() Meio

() Fim

A Cigarra e a Formiga

(1) Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga. Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio. Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa. Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.
Para cigarra e para as formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

(2) Era uma vez uma cigarra que vivia saltitando e cantando pelo bosque, sem se preocupar com o futuro. Esbarrando numa formiguinha, que carregava uma folha pesada, perguntou:
- Ei, formiguinha, para que todo esse trabalho? O verão é para gente aproveitar! O verão é para gente se divertir!
- Não, não, não! Nós, formigas, não temos tempo para diversão. É preciso trabalhar agora para guardar comida para o inverno.
Durante o verão, a cigarra continuou se divertindo e passeando por todo o bosque. Quando tinha fome, era só pegar uma folha e comer.

(3) Um belo dia, passou de novo perto da formiguinha carregando outra pesada folha. A cigarra então aconselhou:
- Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!
A formiguinha gostou da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a cigarra levava e ficou encantada. Resolveu viver também como sua amiga.
Mas, no dia seguinte, apareceu a rainha do formigueiro e, ao vê-la se divertindo, olhou feio para ela e ordenou que voltasse ao trabalho. Tinha terminado a vidinha boa.
A rainha das formigas falou então para a cigarra:
- Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, cigarra! Vai passar fome e frio.
A cigarra nem ligou, fez uma reverência para a rainha e comentou:
- Hum!! O inverno ainda está longe, querida!
Para a cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento? Pura perda de tempo.

(Adaptado da obra de La Fontaine – disponível em <<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=9>>)

7) Depois que você colocou a fábula “A cigarra e a Formiga” na ordem correta, releia com calma, com atenção e reflita sobre a moral da história. Preste atenção nos diálogos e nas personagens. Escolha uma personagem para interpretar, preste atenção em como ela se

comporta, quais os traços, atitudes e tente entender como ela está se sentindo no momento da história.

- a) Para você, qual a moral/ensinamento da fábula?
- b) Faça um desenho representando uma cena da fábula que você gostou. Nele devem aparecer o cenário (lugar onde acontece a história) e assim como em uma história em quadrinhos, coloque as falas das personagens.
- c) Utilizando coisas que você já tenha em casa, se caracterize da personagem que escolheu anteriormente. Pratique algumas falas dela e depois convide as pessoas que moram com você para assistir.